

Ficha artística

banjo, guitarra e voz Sam Amidon
piano e teclados Nico Muhly
electrónica Ben Frost
electrónica Valgeir Sigurðsson
viola Nadia Sirota
violino Una Sveinbjarnardóttir
contrabaixo Borgar Magnason
trombone e voz Helgi Hrafn Jónsson

agradecimento



www.samamidon.com
www.nicomuhly.com
www.ethermachines.com
www.valgeir.net

www.bedroomcommunity.net

a seguir...

teatro

Lúcia Sigalho
E a mulher teve morte quase
instantânea...

sábado 14 a terça 17 Novembro
12€ \ <30 anos 5€

Espectáculo integrado no festival Temps d'Images

Morreu uma mulher às 9h da manhã à porta do infantário onde ia deixar o seu filho de 6 anos. Foi morta a tiro pelo seu ex-marido. "A mulher teve morte quase instantânea", a imprensa publicou. Ela passou a ser "a mulher" morta. E a memória, a memória dela, passou a ser nada. Todas as semanas há uma mulher morta por um homem que é, foi ou pretendia ser seu namorado, seu marido, seu amante.

Teatro Maria Matos
Av. Frei Miguel Contreiras, n.º 52
1700-213 Lisboa
Telefone: 218 438 800

www.teatromariamatos.pt



**Sam Amidon
Nico Muhly
Ben Frost &
Valgeir Sigurðsson**

Whale watching tour

sala principal

quinta 5 Novembro 22h00

Whale watching tour

Sam Amidon

Sam Amidon nasceu em Vermont, Estados Unidos da América, e não tem ainda 30 anos. Começou a estudar free jazz com Leroy Jenkins e Mark Feldman, mas, por influência indirecta dos seus pais - eram músicos folk -, o seu repertório tem sido sobre o cancionero americano. No seu último álbum apenas fez versões de canções tradicionais americanas.

Numa era de comparações exageradas a Nick Drake, Amidon está assustadoramente perto da verdade, cantando num tenor frágil porém seguro sobre a profundidade e suavidade das orquestrações de Nico Muhly.

in Rolling Stone

Nico Muhly

É fácil pensar-se que Nico Muhly é um sobredotado. Quando for trintão, dentro de dois anos, poder-se-á escrever que após a licenciatura em Julliard começou por ser o braço direito de Philip Glass, depois foi arranjador para Antony And The Johnsons e Björk, escreveu bandas sonoras para alguns filmes premiados com Oscar, escreveu música para campanhas publicitárias, compôs inúmeras obras para orquestra, para coro, para percussão, a solo, editou discos, fez ainda uma ópera, e mais uma série de façanhas que terão escapado até aos mais atentos. Para além disto tudo, tem todo o tempo do mundo para ajudar os três amigos desta digressão a gravar os seus discos.

O que é que me resta dizer sobre Nico Muhly? A sua performance no ATP deu ainda mais provas para suportar a minha opinião de que os talentos do homem, como songwriter e como arranjador, são imensos. A interpretação de "The only tune" que fechou o set foi provavelmente o ponto alto de todo o fim-de-semana, com Sam Amidon juntando as peças e fragmentos de um som de uma folk antiga e sinistra, ajudado por alguma instrumentação invulgar, incluindo um banjo e um massajador de cabeça amplificado. O refrão assombroso ecoou distintamente e continua ainda a ecoar na minha cabeça duas depois.

in Mapsadaisical

Ben Frost

Nasceu na Austrália há menos de 30 anos e vive actualmente na Islândia. Se é verdade que de um local para o outro vai quase um mundo de distância, também é verdade que a sua música é feita de pólos opostos em permanente choque. Imaginem um apaziguante ambientalismo mergulhado em acidez digital. Esta versatilidade tem feito de Ben Frost um regular agente infiltrado na música de Fennesz, Tim Hecker ou Jóhann Jóhannsson.

"Theory of machines" é simplesmente assombroso... Frost lembra-nos que o minimalismo nunca foi apenas um reflexo polido de Reich ou Glass mas também o suor e a sujidade dos Swans de Michael Gira... Completamente brutal... Um minimalismo profundo e obscuro, ameaçador e claustrofóbico... Isto é Arvo Pärt com arranjos de Trent Reznor... Magnífico.

in The Wire

Valgeir Sigurðsson

Nasceu e vive na Islândia. Tem mais de trinta anos e desde muito novo que nutre pelo estúdio e pelo som um invulgar fascínio. Em 1998 acontece a primeira linha de currículo interessante: é contratado para a banda sonora do filme "Dancer in the dark" de Lars von Trier. A partir desse momento torna-se presença constante nos discos de Björk e, por consequência, um técnico de som demasiado precioso para Kronos Quartet, Bonnie "Prince" Billy, CocoRosie ou Maps.

O à vontade com Valgeir Sigurðsson assimila e manipula tanto a instrumentação acústica como a digital é uma prova do seu estatuto de demanda (...) mas há mais trabalho aqui do que apenas estéticas agradáveis. São canções belíssimas e seriam-no até se estivessem despidas da mestria elegante do estúdio. Envolvem-nos, quase como num casulo, num turbilhão amniótico e cintilante da sua aura de algodão doce enquanto (Valgeir) se divide entre o laptop, a percussão e o piano habilmente assistido pela sua banda. Bem que podia estar um gelo lá fora mas esta noite foi toda ela calor musical.

in Fact Magazine